

EXTENSÃO CONTEMPLATIVA INTERNACIONAL

Oración Centrante Uno 2025

Semana 27

O PERDÃO

O EXEMPLO DE VIDA DE JESUS (2)

Na realidade, toda a vida de Jesus foi um perdoar constante, mas agora vamos refletir especificamente a sua Paixão, Morte e Ressurreição. Por fim, chegou a sua hora e Jesus sabe disto. Assim também no caso da mulher adúltera, Jesus está consciente de que não pode se retirar mesmo que prudentemente. Há chegado o momento de entregar a sua vida e cumprir a vontade do Pai.

Judas já havia decidido entregar Jesus por dinheiro e Jesus tenta de todos os meios dar a ele a oportunidade de se arrepender de seu propósito. Na Última Ceia, lava os pés de Judas junto aos demais discípulos e entrega-lhe a Eucaristia. Judas continua firme em seu objetivo e volta trazendo atrás dele *“uma grande multidão armada de espadas e paus; vinham da parte dos sumos sacerdotes e dos anciãos do povo”*(Mateus 26,47). Judas aproxima-se de Jesus, chama-o respeitosamente de “Rabi” e dá-lhe um beijo. Este é o exemplo máximo de traição. Todos os que fomos traídos podemos nos identificar com esta cena. Em vez de se indignar e responder com raiva, Jesus emprega um termo afetuoso: “Amigo, para que vieste?” Se Jesus assim responde à traição de Judas, como nos responderá quando inevitavelmente falharmos? É hora de soltar os sentimentos de culpa, de nos amar a nós mesmos como o Senhor nos ama e de amar aos que nos ofendem como o Senhor os ama.

São Mateus acrescenta que um dos discípulos “puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha.” Isto quer dizer que um discípulo responde de modo habitual: escalando a violência na forma de represália disfarçada de defesa própria. Jesus então adverte: *“Guarda a espada na bainha! Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão. Ou pensas que eu não poderia recorrer ao meu Pai, que me mandaria mais logo mais de doze legiões de anjos?”*(Mateus 26, 52-53) Jesus claramente reconhece o mecanismo imitativo da violência, sabe que uma vez desencadeada torna-se incontrolável e que, no final das contas, acaba com todos, inclusive com nós mesmos. Diz o Padre Richard Rohr que este é o tipo de violência mais difícil de curar: parece justificada, é cometida em nome da suposta defesa pessoal, da família, nação ou de Deus. Observemos que a ação do discípulo não pode ser entendida, em momento algum, como legítima defesa: um golpe de espada por parte de uma só pessoa seria incapaz de conter os ânimos de uma multidão armada de paus e espadas. Ao contrário, somente incitaria mais ainda o ataque.

Toda a história da Paixão é uma história de perdão: a Pedro, que o negou três vezes; aos discípulos que o abandonaram em sua hora final; a seus verdugos e a toda massa que gritava: “Crucifica-o”. No final, em vez de vingança ou “justificativa retributiva”, Jesus pede ao Pai que perdoe a todos e parece, inclusive, que os desculpa: “perdoa-os, porque não sabem o que

fazem.” É certo: quando consentimos à violência e ao rancor, de imediato “não sabemos o que fazemos”, pois estamos contagiados irremediavelmente pelos outros e somos absorvidos pela violência circundante. Esta é não somente a história de alguém que morreu na Palestina há dois mil anos. É a nossa própria história: cada vez que respondemos ao mal com o mal, cada vez que nos negamos de forma definitiva a perdoar e que nos confabulamos com os outros para diminuir a dignidade de algum de nossos irmãos, convertemo-nos em agentes da multidão que crucificou Cristo.

Finalmente, imaginemos a reação psicológica dos discípulos diante do fenômeno da Ressurreição. As mulheres que o haviam acompanhado ao pé da cruz podiam simplesmente ter se alegrado. Sua fidelidade anterior permitia-lhes um gesto simples e claro de assombro e de alegria e, talvez por isto, Jesus se manifesta inicialmente às mulheres. Para os demais discípulos, o assunto é mais complicado. Pedro negou Jesus por três vezes, os outros (menos um) saíram correndo para se esconder e o deixaram sozinho. As mulheres dizem agora que Jesus está vivo e que o viram. Com certeza, perguntariam: “Qual vai ser sua reação diante de nós? Irá nos castigar ou a repreender severamente? Nós merecemos qualquer castigo.” Isto, e muito mais, é o que exigirá da justiça retributiva. Porém Jesus simplesmente saúda-os, dizendo-lhes: “Shalom!” (Paz), dá instruções no caminho de Emaús, prepara-lhes um café da manhã depois de uma noite de pesca e outorga-lhes o dom supremo do Espírito Santo. Jesus restaura-os e os torna novos. Nem uma só reprovação saiu de seus lábios. Como diz o teólogo James Alison: Jesus é a vítima que perdoa.

O Senhor diz também a nós: “Não tenhas medo”, com sua frase mais frequente nos Evangelhos. “Aproxime-se sem temor e permita que eu te ame tal e qual você é, com luzes e sombras, porque nada é sombra para mim. A única coisa que te peço é que, como meu filho Pedro (Atos 3,1-10), diga aos outros: ‘o que tenho, eu te dou’ e derrame sobre eles o perdão e a misericórdia que recebeu de mim. Siga-me”. Este é o caminho dos discípulo.

Para praticar nos próximos dias:

1. Continue praticando a Oração do Perdão diariamente, se você ainda encontrar algum ponto de resistência. E pratique-a cada vez que for necessário. E continue praticando a Oração Centrante duas vezes ao dia.
2. Praticar a Lectio Divina com Lucas 24,36-48. Qual palavra ou frase te toca ou “brilha”? Como se aplica a você agora?
3. Percebe que está mais aberto a uma maior compreensão espiritual do processo do perdão? Como te afetou? Compartilhe sua experiência com os companheiros do grupo.
4. Pratique a Visio-Divina com o ícone grego abaixo, no final do texto. Seu nome (“âmpelos”) quer dizer “videira”. É uma representação gráfica da afirmação de Jesus de ser ele a Videira e nós os ramos (João 15, 1-17). É também uma representação Trinitária: o Pai é a raiz ou a profundidade da terra, Cristo é a videira e o Espírito Santo circula por todo o Corpo até alimentar a mais mínima molécula de tudo que existe. Em cada um dos ramos aparece o rosto de um dos apóstolos. Acrescente, mentalmente, um ramo adicional com seu próprio rosto. Acrescente mais e mais outros rostos de familiares e

amigos. Depois, inclua os rostos de pessoas que te feriram. O que isto te diz? Algo te perturba? O que ressoa em você? Volte ao ícone quantas vezes for necessário e penetre em seus detalhes.

